

Vol. 1, Nº 3
Março 2021



MOBILIZAÇÃO

Boletim da Assessoria Técnica Independente Região 3 - Nacab

MULHERES ATINGIDAS

Impactos e danos vividos pelas mulheres da
região 3 do Paraopeba



Assessoria
Técnica
Independente
PARAOPEBA

NACAB
NÚCLEO DE ACESSORIA
ÀS COMUNIDADES ATINGIDAS
POR BARRAGENS



PERDAS E DANOS NA VIDA DAS MULHERES

Durante o mês de março, a partir do dia 8, em que celebramos e renovamos as lutas pelos direitos das mulheres, trazemos este registro inicial do que temos colhido em campo junto às mulheres atingidas. Ao longo da calha do rio Paraopeba na Região 3 atingida pelo desastre-crime da Vale, a Assessoria Técnica Independente (ATI R3 - Nacab) tem identificado o quanto os danos provocados pelos efeitos do rompimento da barragem de Córrego do Feijão atingem as mulheres de modos próprios. Não podemos ignorar tais especificidades.

O primeiro fato que chama atenção é a quantidade de mulheres em posição de liderança nas 21 comissões de pessoas atingidas da Região 3, sendo que em quase todas ao menos uma mulher figura como referência, assim como em suas comunidades. Em muitas delas, são principalmente as mulheres que representam os territórios das Comissões e fazem contato com o Nacab, colhem informações importantes sobre as comunidades, ajudam a mobilizar e participam das reuniões envolvendo os processos de reparação dos danos.

Foto: Arquivo Nacab



Analistas do Nacab em conversa com a atingida Geralda, de Pindaíbas (Pequi).



DEFESA DOS TERRITÓRIOS

Este dado está alinhado com pesquisas sobre outros conflitos socioambientais decorrentes de megaempreendimentos poluidores, como o da Vale, em que também se verifica o protagonismo de mulheres na defesa dos territórios. As motivações para essa atuação são: o papel do cuidado familiar e comunitário sob responsabilidade das mulheres e a maior preocupação delas com o bem-estar de todas as pessoas.

Mulheres de Padre João, Vinháticos, Bambus, Fazenda da Ponte e Vista Alegre se reúnem para debater projetos para as comunidades.

Foto: Arquivo pessoal



Reunião do Nacab com a comissão de Padre João, Bambus e Vinháticos, em Esmeraldas.



MAIOR VULNERABILIDADE

Pesquisas científicas apontam que as mulheres das periferias urbanas e rurais são as mais afetadas pela degradação socioambiental, seja por limitação aos meios e modos de vida, sobrecarga de trabalho ou pelo aumento da violência doméstica e nas localidades.

Com a pandemia do coronavírus, estes fatores se tornam ainda mais graves, já que colocou essas famílias, especialmente as chefiadas por mulheres, em estado de maior vulnerabilidade. Por exemplo, o aumento da insegurança alimentar no Brasil atinge principalmente mulheres negras, que são as mais afetadas pela perda de renda e pela sobrecarga de trabalho, além de prioritariamente deixarem de comer para alimentar os/as filhos/as.

Uma nuance muito sensível do desastre é o possível aumento da violência doméstica, pela presença dos homens dentro de casa por maior tempo do que antes era costumeiro, seja por total falta ou limitação de sua ocupação/trabalho anterior.

No que diz respeito às relações das mulheres com o território atingido, os vínculos com o rio, com a terra, com as práticas de lazer, com as tradições culturais, bem como com as práticas religiosas que saúdam e utilizam da natureza para a manutenção de suas ações, estão comprometidas.



Mulheres são mais afetadas pela degradação socioambiental.



MÃOS DADAS PARA A REPARAÇÃO

São diversos e sucessivos atingimentos que refletem as desigualdades de gênero, raciais e sociais da estrutura de nossa sociedade. Os danos que o desastre-crime provocou ultrapassam limites territoriais e atingem, além dos ecossistemas, os modos de vida de comunidades e famílias.

A ATI R3 Nacab ressalta a importância destas questões no âmbito do território atingido, porque envolvem conhecimento de muita relevância para os processos da reparação. Dizem sobre situações de danos, dores e violações nas famílias, difíceis de medir e identificar, e também das sobrecargas de trabalho marcantes na vida das mulheres, que já estão seriamente abaladas pelas perdas provocadas pelo impacto do desastre-crime.

É importante destacar que os danos sofridos pelas pessoas atingidas precisam ser avaliados de maneira coletiva e individual ao tratar as especificidades e os grupos sociais em que as pessoas atingidas se inserem. A reflexão que a luta das mulheres provoca em sua comemoração, no mês de março, deve ser uma prática diária e constante para que as reivindicações das mulheres sejam reconhecidas e seus direitos sejam respeitados, também no âmbito da reparação integral.



Foto: Equipe Nacab

Equipe do Nacab em coleta de informações com atingidas, em Florestal.

DANOS E IMPACTOS PROVOCADOS PELO DESASTRE-CRIME DA VALE



“A gente ia pro rio e divertia mais as crianças. O gado também ficava no rio e já não pode. A Vale manda caminhão trazer água, mas não vem todo dia. Tem o córrego que deságua no rio e enche a nossa cisterna, mas quando chove demais a água do rio retorna. Não sabemos porque não fez análise, mas a água fica amarelada, com barro. Recebemos água mineral para beber, mas para tomar banho, lavar roupas e vasilhas é a da cisterna. Fico preocupada, mas não tem outro jeito. Pela falta d’água deixamos de ter horta. Eu plantava abóbora, tomate, alface. Faz falta não ter mais verdura todo dia. Temos que ir à cidade e as coisas estão mais caras. Pescava no rio toda semana, agora tem que comprar. Comemos muito pouco peixe, porque está caro.”



Érica Ferreira de Carvalho

Dona de casa, região rural de Papagaios



“O rompimento afetou muito a comunidade. Vejo principalmente por causa do meu trabalho, em que tenho contato com cada mulher, cada família. Os homens estão mais tristes e as mulheres estressadas, deprimidas. Porque os maridos não estão indo para o rio e na falta de ocupação e lazer, a maioria acha de ir para o bar, beber, ocupar a mente com o que não presta. Isso mudou muito a vida da comunidade. Tenho muita preocupação e peço para o pessoal não comer peixe, não ir para a beira do rio e não ficar nos bares. É só conselho que posso dar, não posso fazer muito. Ficou bem difícil lidar com essa situação”.

Valdilene Adriana da Silva

Agente comunitária da comunidade Pindaíbas, Pequ



“Além de ter sido uma tragédia que matou muita gente, o rompimento mudou a vida de quem tinha o rio como fonte de renda e de lazer. Hoje não pode pescar, entrar, nem ficar perto do rio. Isso entristece demais porque a vida de todo mundo da região, de nossos avós, pais, nossa tradição é o rio. Pesco desde criança, minhas filhas nos acompanham desde pequeninhas. Como tinha peixe para pescar perto de casa, não precisava viajar, procurar praia nem nada. Todas as férias a gente ia acampar na beira do rio. Quando a barragem rompeu não quis acreditar, foi poucos dias antes do meu marido tirar férias. Eu preparava tudo, já estava com a barraca montada, tudo pronto. Faz muita falta, porque além de gostar, a gente tinha ganho com a pesca. Meu marido é pescador e pegava muita encomenda. Tinha dia que a gente tocava esse rio afora e chegava em casa só de noite. Toda vida gostei”.



Elisângela Isabel Pereira Silva
Trabalhadora do ramo de laticínio,
comunidade de São José, Esmeraldas



“O rio era nosso divertimento e acabou, está aquela água feia com barro e poluição. A gente mora na fazenda que trabalha e quando dá folga não tem mais onde ir. Não pode pescar e fica com medo de comprar peixe, porque sabe que tem gente que pesca no rio e leva pra vender na cidade. Não pode confiar. Então, aqui não se come mais peixe, nem comprando a gente está. Sinto falta demais, porque cresci na beira do rio comendo peixe. Eu tenho minha horta, regada com água do córrego e do poço artesiano, mas depois que a barragem rompeu a água ficou feia, com aspecto sujo. A Vale veio e colocou a casinha, mas ainda não instalou o filtro”.

Vanira de Souza Machado
Serviços gerais em fazenda familiar, da região rural de Papagaios

“O rompimento acabou com meus sonhos e planos. Minha mãe tinha um bar a 100 metros do Paraopeba, há 30 anos, de onde tiramos o sustento da família. Construimos no fundo uma pousadinha para pescadores e pessoas que vinham aproveitar o rio. Chegavam ônibus de turismo, de vários lugares. A gente servia almoço, tira-gosto e hospedava. Eu, meu marido, meu pai e meus irmãos trabalhávamos com minha mãe e tínhamos projetos de melhorar mais o espaço, porque o movimento estava aumentando. Mas aí veio o rompimento e acabou com tudo. Hoje o nosso negócio fica fechado, de vez em quando aparece alguém, mas muito raro. Estou sem trabalho e cuido da minha mãe que tem mieloma múltiplo e se agravou da doença. Meu pai teve um infarto no ano passado, colocou stent no coração. A gente sabe que isso de terem ficado sem trabalho e sem distração deprimiu e afetou muito a saúde deles”.



Viviane Moreira Araújo da Silva
Comerciante, da região rural de Paraopeba



“A vida ficou difícil para todos que moram perto do rio. Antes vinha muita gente para pescar, sitiantes e visitantes compravam nos comércios, contratavam nossos serviços, o que nos garantia renda. Eu faço rosca caseira e bolo de fubá. Vendia para o pessoal que vinha da cidade e também tinha clientes de manicure nos finais de semana. Por não poder usar o rio, passou a vir pouca gente, nem a nossa família vem. O movimento caiu demais. Eu nem gosto de ficar lembrando do desastre, das pessoas que morreram e do tanto que afetou nossas vidas, me dá vontade de chorar. Estou desempregada e desde outubro a Vale bloqueou meu pagamento, o do meu marido e das minhas duas filhas adolescentes. Liguei pro 0800 e me falaram que tem impedimento da gente receber, por endereço incorreto. Mandeí o comprovante de novo e não adiantou. Mas não mudamos de endereço, é o mesmo há 21 anos e está a 830 metros do rio”.

Lucilene do Nascimento
Serviços gerais, quitandeira e manicure,
comunidade de Bambus, Esmeraldas



“O rompimento nos afetou por não podermos mais pescar, banhar no rio, não ter esse lazer e nem as pessoas que vinham se divertir nos fins de semana. O movimento gerava trabalho e renda para moradores, como limpeza, capina das chácaras, venda de alimentos, frango, ovos, peixes, bolos e biscoitos. Eu fazia recreação com as crianças, passeio e picnic no Paraopeba, oficinas de produção e comercialização de artesanato com as mulheres da comunidade. Aí a gente fazia feiras e tinha para quem vender. Hoje não tem visitantes e os moradores ficaram sem trabalho, sem ocupação. Muita gente ociosa. Dá uma tristeza, um desânimo, porque antes eu tinha a satisfação de ensinar e ver as pessoas se ocupando. Várias mulheres passaram a conciliar o artesanato com o serviço de casa e a ter renda. Elas diziam que as aulas ajudavam a espantar a tristeza, dava ânimo, autoestima. Com o rompimento da barragem, sem o incentivo da vinda de pessoas de fora, para ver e comprar artesanato, não conseguimos mais manter o projeto”.



Aida Suely Bicalho

Artesã e oficinaira, do povoado de Cachoeirinha, Esmeraldas



“O rio e as lagoas eram nossos únicos lugares para distrair. Agora falam que não podemos, fecharam tudo e ficamos sem lugar pra ir. Ficamos sem trabalho, porque nosso ganha-pão era o minhocuçu e ficou mais difícil, não tem pra quem vender. As fazendas pararam de contratar nossos serviços, as plantações não rendem mais. Planto mandioca, mas as pessoas pararam de comprar, não confiam mais. Muita gente saiu em busca de trabalho. Dois filhos meus foram para Sete Lagoas, também sobrinhos e primos. Quem está mais velho não consegue sair, tem que ficar, lutar e pedir a Deus para dar uma melhora. A alimentação daqui piorou, por não poder pescar, que era uma coisa saudável que tinha e deixou de ter. Até caçar a gente não pode mais, porque os bichos vão pra beira do rio e podem estar contaminados”.

Normélia Gonçalves Batista Moreira

Produtora rural, do Quilombo de Pontinha, Paraopeba

“Caíram muito as vendas porque os pescadores do Paraopeba deixaram de vir. Já se passaram dois anos e acumulamos dívidas e dificuldades. Em 2018 eu e meu marido iniciamos a obra da barraca de alvenaria, para morar e trabalhar, em troca da de madeirite que entrava muito bicho, até cobra. Com o rompimento, paramos a obra e muita conta ficou sem pagar.

A única coisa que temos pra preservar é o nome. Fiquei triste, preocupada e com depressão. Não dormia direito, pensando nas contas que tinha pra pagar. Passei a tomar remédio controlado. Meu marido adoeceu com desgaste no fêmur porque teve que extrair minhocucu que a gente não dava mais conta de comprar para revender. Ele então passou a produzir acessórios para pesca. Eu ajudo ele nisso, busco bateria do gerador de energia e a água, lavo roupa, limpo a barraca, esfrego o chão que é de concreto, faço comida. Atendemos clientes, quando tem, e vamos levando”.



Marilene de Lourdes Rocha de Lima
Comerciante do Shopping da Minhoca, Caetanópolis



REPARAÇÃO ALÉM DO CRIME AMBIENTAL

O rompimento da barragem do Córrego do Feijão é um marco de dor e perda para pessoas atingidas, que continuam à espera de reparação. Ainda que o crime ambiental represente uma tragédia a todos da região, uma parcela da população sofre de maneira específica em razão das desigualdades existentes em nossa sociedade: **as mulheres.**

O Brasil, embora tenha avançado na proteção dos direitos das mulheres, ainda é falho na promoção da igualdade de gênero. No ano de 2018, a cada hora **536 mulheres** foram vítimas de agressão física, sendo que em **76,4%** dos casos, o agressor era alguém conhecido da vítima – em **23,8%**, o parceiro atual e, em **15,2%**, o ex-parceiro (Datafolha/FBSP, 2019). No mesmo ano foram registrados **1.206 casos de feminicídios**, sendo que em **88,8%** dos casos o autor era companheiro ou ex-companheiro das vítimas (FBSP, 2019).



Agravantes da pandemia e do desastre

Com o cenário de isolamento, necessário em razão da pandemia de Covid-19, em 2020 as mulheres em situação de violência sofreram com a limitação de recursos para solicitar socorro à rede estatal, bem como às redes pessoais. Entre os entrevistados na pesquisa “Violência doméstica contra a mulher na pandemia” (Locomotiva / Instituto Patrícia Galvão, 2020), **49%** acreditam que ficou mais difícil para a mulher denunciar a violência doméstica na pandemia, e, de acordo com **4** em cada 10 entrevistados que conhecem mulheres que sofreram violência na pandemia, elas não procuraram ajuda.

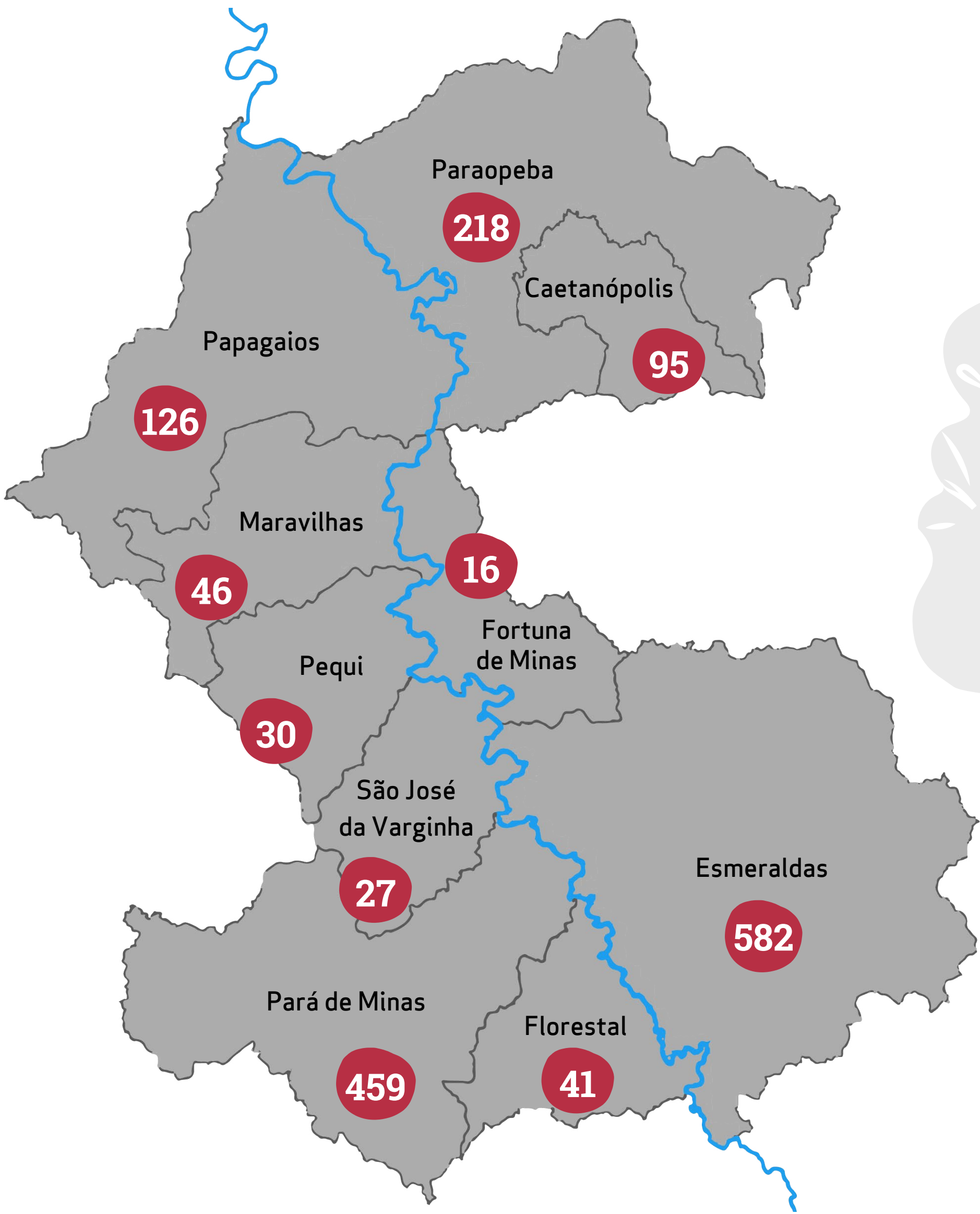
As mulheres que vivem na região atingida pelo rompimento da barragem do Córrego do Feijão têm um acréscimo na violação de seus direitos: são vítimas de uma tragédia socioambiental, o que acentua a vulnerabilidade social.

No caso da região assessorada pelo NACAB, a vulnerabilidade já é prévia ao rompimento da barragem: cerca de **2,93%** da população é extremamente pobre, com renda per capita de **R\$ 46** (CENSO, 2010). Ainda que não seja possível mensurar com precisão o agravamento das desigualdades de gênero, a carência na região de políticas públicas voltadas às mulheres nos dá um importante indício. Entre os municípios, apenas Papagaios e Pará de Minas possuem Conselho de Defesa dos Direitos da Mulher.



Embora a Lei Maria da Penha estabeleça que é dever do poder público desenvolver políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares, o mesmo não ocorre na prática. Em Minas Gerais, os quatro juizados especializados na área de violência doméstica e familiar estão situados em Belo Horizonte e nenhum dos municípios assessorados pela ATI R3 conta com delegacias especializadas no atendimento a mulheres (os municípios de Caetanópolis, Maravilhas, Pequi e São José da Varginha sequer contam com delegacias), o que representa um obstáculo às denúncias. Isso se mostra especialmente grave ao analisarmos os números da violência doméstica e familiar contra a mulher:

Número de registros de violência contra a mulher no ano de 2020 (JAN-NOV)



Fonte: Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública do Estado de Minas Gerais (2020)

Um caminho precisa ser percorrido para que a reparação nos municípios atingidos pela barragem do Córrego do Feijão contemple as mulheres e supere as desigualdades. Há danos relacionados à condição de mulher, como bem apontado no caso do rompimento da barragem do Fundão: **sobrecarga doméstica**, em relação aos custos do lar e cuidados com os dependentes; **depressão, tentativa de suicídio, ansiedade e tristeza; abuso doméstico e violência intrafamiliar**; e **invisibilização** de atividades econômicas desempenhadas por mulheres (FGV, 2019). Esses danos não falam de umas poucas, mas de muitas.





POR IGUALDADE DE DIREITOS E DE PARTICIPAÇÃO

Ciente de que homens e mulheres vivenciam consequências do desastre-crime de forma diferente, o Nacab prevê estratégias e metodologias para tratar a desigualdade de gênero no contexto do acordo de reparação. Para tanto, está prevista a implementação de pesquisas e de ferramentas interativas voltadas para identificar os danos individuais e coletivos do público feminino. “Prendemos entender o universo das mulheres atingidas; qual impacto do rompimento na vida delas; como têm vivenciado o processo judicial e as expectativas em relação ao acordo de reparação”, explica Francine Pinheiro, gerente de Socioeconomia e Cultura da ATI Nacab.

O interesse em debater questões vivenciadas pelas mulheres nos territórios atingidos gerou grupos de trabalho (GTs) entre as profissionais do Nacab. O GT Mulheres e Interseccionalidades do escritório de Pará de Minas foi criado em dezembro de 2020 e em março deste ano foram iniciados os GTs Gênero de Esmeraldas e o da ATI R3 Nacab. Além de serem espaços de acolhimento e formação das profissionais mulheres da ATI R3, os GTs têm preparado propostas, como: construir grupos de mulheres atingidas para aplicação de pesquisas e debates nos territórios; realizar cursos de formação voltados para elas; utilizar ferramentas de aproximação e interação entre mulheres atingidas e da ATI.

“Uma das questões que percebemos é que o grande número de pessoas atingidas nas discussões são mulheres, mas quem define e valida as opiniões são os homens. Em reuniões é comum poucas mulheres falarem, mesmo sendo a maioria. Por isso, precisamos criar espaço de escuta e validação das falas delas. Principalmente nesse momento em que se discute projetos e verbas a serem aplicados nos territórios, é importante fortalecer a participação das mulheres”, avalia Marina Ferreira, analista de campo e integrante do GT Gênero em Esmeraldas.

CORDEL DAS MULHERES

É lindo ver as mulheres
Como flores na primavera
Desabrocham para a vida
De maneira firme e bela
Ocupando seus espaços
Não aceitando nós e laços
Forjando uma nova era.

Triste dos seres que pensam
Que mulher é sexo frágil
Mulher não cabe num pote
É danada, forte e ágil
Se mistura com a vida
Cura magoas e feridas
Sempre autêntica, nunca plágio

Se uma mulher chora
Suas lágrimas tem sentido
Nunca é por uma bobagem
Nem por ter peito ferido
Pode olhar mais no fundo
De seus olhos inundo
E entenderá o que digo

Mãos e braços num abraço
Que conforta e energiza
Ombro a ombro no caminho
Que se estende pela vida
Muitas vezes tortuosos
Tantos outros gloriosos



Numa rotina aguerrida
E nesses tempos difíceis
Que se desenham no horizonte
é o exemplo da mulher
que indica uma nova fonte
Onde se bebe sabedoria
Esperança e alegria
E do abismo é a ponte

É olhando a mulher
Que se enxerga a verdade
Que o mundo é pequeno
Para suas diversidades
Múltiplos jeitos de ser
Formas de ver e viver
Nessa louca sociedade

Ser dona de seu nariz
De seu peito e de sua bunda
Ser dona de sua alma
Longe de mãos imundas
Mulher é mulher ponto
Quem sabe um dia eu conto
De uma forma mais profunda

Por enquanto é só isso
Mas isso só não é só
A nossa história é bem longa
Vem desde o tempo do pó
Então vamos viver
Não vamos mais nos deter
Seguindo rumo ao sol.

Autora: Ariadne Macedo,
analista da ATIR3



MOBILIZAÇÃO

Produzido pela Assessoria de Comunicação com apoio dos Grupos de Trabalho (GTs) que discutem gênero e raça na ATI R3 Nacab

Texto: Ana Alvarenga, Ana Clara Napolis Dias, Islaine dos Reis Lima, Lídia Vieira, Lívia Pereira e Brígida Alvim.

Edição: Brígida Alvim

Colaboradoras: Francine Pinheiro, Marina Ferreira, Sarah Zuanon e Yolanda Maulaz

Projeto gráfico: Christiane Souza

Ilustrações: Fabiano Azevedo

Fotos: Arquivos pessoais das entrevistadas e Equipe ATI R3 Nacab

Assessoria Técnica Independente da Região 3

Coordenador Geral
Flávio Bastos

Coordenação Geral
Alexandre Chumbinho
Flávio Bastos
Irla Paula Stopa
Luciano Marcos Pereira
Marília Andrade Fontes
Marluce de Souza Abduane

Gerente Geral
Marília Andrade Fontes

Gerente Administrativo Financeira
Marluce de Souza Abduane

Gerente de Participação e Engajamento
Ângela Rosane de Oliveira

Gerente de Socioeconomia e Cultura
Francine Pinheiro

Gerente Socioambiental
Irla Paula Stopa

Gerente de Qualidade da Água e Avaliação de Riscos à Saúde
Rafael Kopschitz Bastos

Gerente Jurídico
Alexandre Chumbinho

Gerente de Desenvolvimento Territorial e Agroecologia
Luciano Marcos Pereira

Assessor chefe de Comunicação
Leonardo Dupin

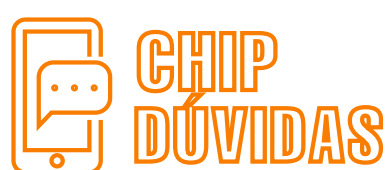
Núcleo de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens - Nacab
R. Santo Antônio, 30. Apto. 02.
João Braz. Viçosa/MG
E-mail: contato@nacab.org.br
Telefone: (31) 3885 1794

Escritório Belo Horizonte: R. Bueno Brandão 351, Santa Tereza

Escritório Paraopeba: Avenida Dom Cirilo, nº 609, Centro

Escritório Pará de Minas: Avenida Minas Gerais 413, bairro São José

Escritório Esmeraldas: R. José Domingos Diniz, Quadra 34, Lote 23, bairro Fernão Dias



(31) 99596-9065



@nacabmg



@nacabmg



nacab.org.br

Assessoria
Técnica
Independente
PARAOPEBA

NACAB
NÚCLEO DE ASSESSORIA
ÀS COMUNIDADES ATINGIDAS
POR BARRAGENS